

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE DELGADO DE CARVALHO E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Jorge Luiz Barcellos Da Silva

Boletim Gaúcho de Geografia, 27: 40-54, dez., 2001.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38423/24694>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 2001.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE DELGADO DE CARVALHO E O ENSINO DE GEOGRAFIA*

*Jorge Luiz Barcellos da Silva***

1. Antecedentes do pensamento geográfico de Delgado de Carvalho

É ponto pacífico entre os geógrafos e aqueles que se dedicam às questões epistemológicas das ciências sociais, que as primeiras efetivas diferenciações teórico-metodológicas mais sistematizadas na seara geográfica brasileira foram resultado das reflexões realizadas por Delgado de Carvalho. Compreendidas por muitos como o marco divisório na formação dos discursos da Geografia moderna no Brasil.

Paradoxalmente um não geógrafo, cuja trajetória pontuou o fim do século passado e início do atual e foi bastante diferenciada dos intelectuais brasileiros coevos. Sua formação escolar e acadêmica, iniciada na Inglaterra e prosseguida na França, estava relacionada ao fato de ele ter nascido em território francês quando seu pai servia ao governo brasileiro em missão diplomática. Soma-se a isso o fato de pertencer a uma família brasileira abastada (Ferraz 1995: 65), o que permite situá-lo como um intelectual que se desenvolveu em meio às grandes discussões que marcaram a construção do pensamento científico na Europa no período.

A produção do conhecimento na Europa da época foi ritmada pelas crises que ocorriam no plano das relações sociais de produção. O estabelecimento de uma nova ordem técnica nas esferas da produção, consolidando a escalada "imperialista" (Lenin, 1984:368) em que era importante a configuração de zonas de influência, pode ser traduzida como a necessidade de entrelaçamento de novos mercados (territórios), advindo daí novas ordenações geográficas e, principalmente, novas leituras explicativas desses processos.

*Este texto é uma versão modificada de parte integrante da Dissertação "Notas Introdutórias de um Itinerário do Pensamento Geográfico Brasileiro" que apresentamos em dezembro de 1996, junto a FFLCH/USP.

**Professor do Departamento de Geografia da PUC/SP e do ensino médio.

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Nº 27	P. 40-54	DEZ. 2001
--------------------------------	--------------	-------	----------	-----------

O estabelecimento de uma nova ordem industrial, introduzindo outros parâmetros produtivos, exigiu diferente orientação de caminhos e formas de atuação. Constatou-se que as posições que emergem, visando acelerar o aprofundamento das organizações técnicas do trabalho no processo produtivo, repercutiram no campo das formulações teóricas (Bernal, 1976:674-675).

Nesse setor, a relação ciência e processos produtivos, ainda era orientada pelos princípios do positivismo-evolucionista que, ao subsidiar as leituras de mundo, centrava-se na busca das leis universais para compreender os fenômenos e, a partir daí, explicar todos os processos de forma semelhante. Os cientistas, ao colocarem em prática os princípios desse positivismo, consolidavam sua atuação por meio de procedimentos como experimentação e observação. Com isso, procuravam assegurar o credo na inexorabilidade do movimento que iria levar o homem ao progresso.

A grande questão que se colocava no período era a de que a complexidade da ordem geral da sociedade (principalmente novas relações sociais de produção e intrincadas ordenações de organização territorial, leia-se de mercados), não podia mais ser explicada por meio de parâmetros do positivismo-evolucionista, -mecanicismo e o biologismo - que começaram a ficar de lado em função de seu reduzido poder de fogo explicativo da realidade e das questões postas pela burguesia no momento.

É exatamente nesse contexto que os fundamentos teóricos-metodológicos Funcionalistas³ começaram a ganhar terreno nas explicações sobre os movimentos da realidade. No campo das ciências humanas estes delineamentos tiveram repercussão inicial a partir das colocações de A.R.Radcliffe-Brow⁴ e Durkheim⁵. Inovações oriundas respectivamente da Antropologia e da Sociologia que, de maneira profunda, influenciaram as discussões travadas no seio da Geografia, difundidas em grande parte, naquele momento por Vidal de La Blache, conforme veremos mais adiante.

Os princípios básicos do Funcionalismo apresentados pelos representantes da Antropologia e da Sociologia, se colocavam como fundamentações que reagiam contra a visão monística e de um só caminho do evolucionismo. A perspectiva

³ "O termo funcionalismo (...) diz respeito a uma postura substantiva, expressando a idéia de que tudo o que existe numa sociedade contribui para o seu funcionamento equilibrado - para manter o sistema social em operação (...) pode expressar uma atitude diante dos fatos sociais referindo-se somente ao fato de que eles devem ser vistos em termos do sistema no qual tem origem e operam (...) confunde-se com uma teoria do equilíbrio social, evitando estudar ou posicionar-se ante as tensões, conflitos e contradições que todas sociedades humanas exibem em níveis e domínios diferenciados (...) Dicionário de Ciências Sociais (1987:503) grifo nosso.

⁴ ver "Estrutura e Função na Sociedade Primitiva" 1973

⁵ ver Coleção "Os Pensadores", número dedicado a E. Durkheim, em especial o texto "As Regras do Método Sociológico"

funcionalista, ao colocar em xeque a inexorabilidade do progresso como condição a ser alcançada, apontou para a crítica da visão histórica unilateral da sociedade, avaliando os processos sociais como relações entre coisas e compreendendo cada qual como parte de um todo orgânico e harmônico. Cada parte do todo, por sua vez, porta processos históricos particulares que não podem ser homogeneizados durante o estudo, isto é, não devem ser avaliados através de leis gerais, sob pena de perda das características que diferenciam os ritmos de desenvolvimento evolutivo dos homens.

O que se pode deduzir das colocações dos pensadores envolvidos com essa discussão é que existiam preocupações muito grandes com a excessiva generalização das análises científicas. O que impedia o entendimento mais verticalizado das complexidades que se apresentavam no contexto social. Por outro lado, tal tentativa de superação não consegue romper com alguns parâmetros fundamentais do positivismo de tradição comteana, pois mantém a postura de neutralidade do cientista fundada na identificação do fenômeno a partir de categorias descoladas do processo (contraditório) de suas construções.

Em outras palavras, a tentativa de identificar os processos sociais com os mesmos parâmetros e pressupostos da física clássica (newtoniana) na qual natureza (parâmetro explicativo) e sociedade se cindem no plano categorial para se fundirem numa relação de causa e efeito linearizada.

Essa leitura pauta(va)-se na reafirmação de conhecidos procedimentos científicos.⁶ Restando ainda a operação mais importante que é a extração de conclusões, alcançadas a partir da finalização do estudo monográfico individualizado de cada unidade funcional, visando a junção dessas partes no todo.

Por esses motivos é que os processos sociais começaram a ser visualizados pela articulação das unidades funcionais, exigindo leituras mais criteriosas e, principalmente, desvinculadas da formulação de leis gerais e teorias explicativas universais para a compreensão dos fenômenos, como costumeiramente eram realizadas as análises à luz do viés positivista.

Essas reformulações teórico-metodológicas ocorridas na seara das ciências sociais a partir da interpretação Funcionalista são importantes por que revelam uma precisão milimétrica de ajuste, quando relacionadas com as metamorfoses vivenciadas pela Geografia, no final do século passado e início do atual⁷.

As propostas teórico-metodológicas elaboradas por Vidal de La Blache marcaram de forma indelével o pensamento geográfico francês e por conseguinte aqueles que foram influenciados por ele, como é o caso brasileiro. A reformulação que esse

⁶A observação e a descrição minuciosa de cada unidade funcional identificando o fenômeno a ser estudado, entre outros.

⁷Sobre o processo de institucionalização da Geografia na Europa ver texto de Horácio Capel "Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea" especialmente capítulos III, IV, V, VI, VII e VIII.

cientista oportunizou pelas aproximações que estabeleceu entre os parâmetros científicos do momento, o Funcionalismo, com os da Geografia, mostra uma aplicação ímpar.

Vidal de La Blache, ao elaborar o arcabouço conceitual da Geografia, resgatou os princípios do Funcionalismo para consubstanciar suas colocações. Tomando a idéia de cultura que era bastante difundida entre os antropólogos⁸, assinalou a importância do estudo geográfico se apoiar no conceito de "gênero de vida". Este foi o ponto de partida que mediu o processo de adaptação do homem na natureza, através do entendimento de como era utilizado o acervo de técnicas, hábitos, costumes e usos que lhe permitisse utilizar os recursos naturais.

Nessa seqüência, as unidades funcionais que eram apresentadas no campo da Sociologia, aparecem na Geografia a partir do conceito de "região". O espaço geográfico, palco dos acontecimentos, é visto como um verdadeiro mosaico contendo, cada parte, fenômenos sociais articulados entre si. Cabendo ao geógrafo o levantamento de como as relações homem/meio se articulam em cada ponto demarcado da superfície terrestre, o que permite reforçar a idéia de que cada parte delimitada tem sua historicidade que pode ser captada através do estudo das marcas das relações homem/meio impressas nas paisagens.

A forte perspectiva regional criada por La Blache afirmou a visão funcionalista dentro da Geografia. Esse novo desdobramento, ligado a sistematizações de maior pujança, deu margem às interpretações que assinalam existir uma escola francesa de Geografia, articulada com delineamentos claros, tanto na esfera teórica como operacional. Posição que discordamos por que homogeniza a leitura.

Entendemos que já nas primeiras décadas do século atual, o conjunto constituinte do pensamento geográfico francês começou a se diversificar, oscilando entre o fato de que "ainda não está feita" como falava Jean Brunhes e outras possibilidades, que se visualizam na constatação de uma crescente separação que ocorreu entre a perspectiva geral e regional⁹.

Deixando de lado essa discussão sobre a existência de uma Escola de Geografia francesa¹⁰, o que queremos ressaltar é a grande inovação introduzida na base da Geografia por Vidal de La Blache: a sua articulação lógica. Ele sinalizou para o estudo do gênero de vida a pré-condição: o conhecimento, em primeiro

⁸ "O objeto de estudo da Antropologia foi definido com razoável clareza no início do séculoXX, embora lhe fossem dados nomes diversos(...) Sua essência era o estudo do homem 'primitivo', ou 'selvagem' ou 'primevo', e por volta do último quartel do século XIX o estudo da 'cultura'(...) abrangendo a organização social-já se distinguiu claramente do estudo biológico do homem . Havia, portanto, o estudo específico relacionado com a 'cultura primitiva'(...) Kuper (1973: 12)

⁹ Mendoza(1982:67)

¹⁰ Sobre esta questão relativa às escolas nacionais de Geografia ver Santos (1978:1315)e Moreira (1982:40)

lugar, das condições do terreno¹¹, dessa maneira possibilitando a oportunidade de se compreender o processo de adaptação do homem no seu meio, isto é, de como ocorreram as possibilidades de transformação do meio por parte do homem. Permanece de forma clara traços de determinação causal, apesar da construção teórica indicar a natureza como uma possibilidade para a ação humana.

Dessa maneira, o eminente geógrafo francês foi aos poucos consolidando um campo de estudo que era alvo de muitas discussões entre profissionais de vários setores, como, por exemplo, a célebre polêmica ocorrida entre E. Durkheim e P. Vidal de La Blache na tentativa de definição e delimitação dos campos de atuação da Sociologia (Morfologia Social) e Geografia Humana¹². Sob o ponto de vista do âmbito geográfico, as respostas que emergiram aparentemente resolveram as questões postas pelos calorosos embates que envolviam os homens de ciência daquele momento.

2. Delgado de Carvalho, Geografia francesa, sociedade brasileira e o ensino de Geografia

Dentro desse quadro de redefinições epistemológicas que ocorriam no velho mundo é que Delgado de Carvalho vai concluir sua primeira graduação em Letras (na França). (Ferraz, 1995:66) Envolvido pela atmosfera de efervescência conheceu (e leu) algumas obras de autores debatedores dos rumos das ciências sociais daquele momento¹³, o que permitiu inferir seu conhecimento na base, de importantes figuras da Geografia francesa¹⁴. Haja visto as referências elogiosas que faz posteriormente aos cientistas franceses no seu campo de particular atenção, a Geografia.

As colocações de Delgado sobre a Geografia, no Brasil, além de mostrar uma erudição sobre o assunto, podem ser correlacionadas aos inovadores processos vividos por esse campo do conhecimento na França, na virada do século XIX para o XX¹⁵, principalmente no que tange ao leito da fundamentação teórico-metodológica, em que sua leitura geográfica de mundo apontou grande influência, daquele que considerava o ponto alto da Geografia francesa, Vidal de La Blache.

¹¹ "La historia de un pueblo es inseparable del territorio que habita(...)" Mendoza, op.cit.p.250

¹² Ver Lucien Febvre (1954: 442-455)

¹³ "(...) Não diminuiu os méritos de Delgado de Carvalho também na divulgação dos métodos de pesquisa empírica sociológica. Apenas não teve a oportunidade de formar tantos discípulos dados os percalços das instituições universitárias por onde andou, apesar do seu excelente aprendizado acadêmico, pessoalmente com Émile Durkheim em Paris e L.T. Hobhouse em Londres.(Chacon 1977:104) (grifo nosso)

¹⁴ Assim como outros autores da Alemanha em evidência no período.

¹⁵ É importante sinalizar que essa afirmação não desconhece as concepções específicas do autor frente a realidade nacional. Isto é, as demandas internas foram importantes nas suas reflexões sobre o arcabouço epistêmico da Geografia .

Numa das obras mais importantes de Delgado de Carvalho, "Geographia do Brasil" estão contidas os delineamentos teórico-metodológicos básicos da sua visão moderna de Geografia. Aquele que destacamos é o de filiação relativista na compreensão das relações homem/meio. Enfim, a reprodução da visão possibilista¹⁶ dentro da Geografia brasileira.

Apresentada como inovação teórico metodológica, essa concepção criada por Vidal de La Blache ataca(va) a concepção fatalista mecanicista da relação homem/meio. Respeitando sua formação básica ligada à História elaborou uma construção teórica para a Geografia interessante. Lançou mão da ênfase maior à carga humana no estudo geográfico, mas não rompeu com a visão naturalista¹⁷, pois a Geografia resultante desse amálgama ficou sendo uma ciência preocupada com a compreensão das ações humanas (relação homem/meio) através de sua expressão paisagística. Em outras palavras, "uma ciência dos lugares e não dos homens."

A visão possibilista coloca(va)-se como uma leitura de mundo em que as contingencialidades podem permitir ao homem transformar o meio, não ficando condicionado aos desdobramentos da Instância conhecida como Natureza. Existe uma análise que percorre um caminho de duas mãos, em que o homem é visto atuando sobre o meio e também pode sofrer influências dele. Sistematização que vai ser determinada pelas condições de desenvolvimento técnico de cada agrupamento social.

Esta é a postura que Delgado de Carvalho vai buscar normatizar dentro dos parâmetros teórico-metodológicos da Geografia brasileira. Seu intento foi original por que as sistematizações mais acabadas, ainda não existiam no país. Por esse motivo suas preocupações quando emersas causaram expectativas de que essa ciência agora seria granjeada ao posto que lhe era devido entre aquelas de alto valor no contexto social brasileiro.

A leitura do prefácio da primeira edição do livro "Geographia do Brasil" de Delgado de Carvalho revela algumas posições teórico-metodológicas sintomáticas de suas raízes possibilistas. No documento escrito por Oliveira Lima, colega de tertúlias intelectuais do eminente professor, já nas primeiras linhas referindo-se a racionalidade adotada no livro, o prefaciador sinaliza um dos eixos das reformulações apresentadas: a questão regional dentro do âmbito geográfico regida por um critério básico, o de regiões naturais.

Tal posição, que ao longo da obra vai se consolidando a partir da efetivação de uma leitura geográfica do país, apresenta algumas explicações sobre os critérios considerados importantes para se fazer a regionalização do país. Vejamos:

¹⁶ Termo utilizado para designar as fundamentações teórico-metodológicas que advogaram a importância da inclusão da ação humana na transformação do meio. Expressão possibilismo foi cunhada por L. Febvre.

¹⁷ Ver texto "As Características próprias da Geografia" de La Blache in "Perspectivas da Geografia" organizador Christofoletti (1982: 37-47)

(...)Estas unidades geographicas são unidades naturaes, isto é, não creadas pelo homem, pelas tradições históricas ou pela conveniência política, mas dictada pelos meios em que vive o homem. É evidente que a planície amazonica, baixa, super-humida e quente, dotada de mattas equatoriaes, com riquezas florestaes e fluviaes que determinam certos typos de vida e de occupação humanas, constituem um meio bem differente do planalto paranaense, com o seu clima temperado, seus campos geraes que suscitam typos de actividade em absoluto contraste com os primeiros.(...)

(...)Cada região fôrma um typo social humano, amoldado a suas exigencias naturais. A região é, pois, a base da divisão geographica racional que permite estudar os grupos humanos, comprehendendo as razões primordiaes de suas características locais.(1927:241-242)

Nessa construção de uma leitura geográfica é possível a identificação de uma crítica aos moldes de se conceber os estudos geográficos regionais no Brasil até aquele momento. Ela se revela ao ir de encontro às tradicionais leituras regionais adotadas no país, que geralmente eram organizadas a partir de critérios baseados na identificação das unidades administrativas. Coloca-se, dessa maneira, contra a visão da Geografia-nomenclatura. Procedimento entendido como problemático, pois, sendo um estudo exclusivamente mnemônico, não atendia às perspectivas básicas daqueles que tinham em mente a necessidade de se transformar o ensino de Geografia moderna num vetor para a consolidação de uma identidade (nacional e) conceitual mais própria a essa ciência.

Contudo mesmo reconhecendo o valor das reflexões e efetivações práticas que Delgado proporcionou à Geografia brasileira, é importante sinalizar algumas questões sintomáticas dos impasses advindos da introdução dos discursos geográficos modernos no país, assim como o papel assumidos por eles no âmbito social.

Nesse sentido a identificação do ponto de partida destacado por Delgado, para balizar os estudos regionais, é um eixo de análise epistemológica muito importante, já que aponta para a necessidade de se considerar as unidades geográficas como unidades naturais. Buscando nos aspectos do meio a determinação que influenciará os grupos sociais, deixa claro a racionalidade que norteará a construção do discurso, tal qual o mestre Vidal de La Blache fizera em seu clássico texto, de 1888, sobre "Las divisiones fundamentales del territorio francés"¹⁸

Além disso, o resgate que Delgado de Carvalho faz do conceito de região,

¹⁸ La Geología y la geografía son, en efecto, dos ciencias distintas, pero que se relacionan estrechamente. El geólogo se propone, al estudiar los terrenos, determinar las condiciones en las que se han formado; intenta reconstruir, capa tras capa, la historia del suelo. Para el geógrafo el punto de partida es idéntico, pero la finalidad difiere. Busca en las constitución geológica de los terrenos la explicación de su aspecto, de sus formas exteriores, el principio de las influencias diversas que ejerce el terreno tanto sobre la naturaleza inorgánica como sobre los seres vivos (apud Mendonza, 1982: 248)

identificando-o como a base dos estudos geográficos é um dos grandes argumentos da diferenciação discursiva do possibilismo em relação ao determinismo. A partir da delimitação regional é possível a compreensão das características qualificadoras da coletividade que ali se assenta. É o homem e o meio local (a região) que, interagindo, pode levar aos agrupamentos humanos à superação das "influências" da natureza conforme o seu grau de civilização.

Essa adesão às fileiras do Possibilismo, sinalizadas por Delgado de Carvalho, na verdade difundiu uma questão, em nosso entender, contraditória - como já ocorrera na França por parte dos pressupostos articulados por de La Blache - na medida em que o Possibilismo seria entendido como uma (oposição e) alternativa à visão determinista - identificada pelos próprios possibilistas como a interpretação que dava a primazia aos fatores naturais - além de atribuir, de forma incorreta, este raciocínio à sustentação do pensamento ratzeliano. (Santos, 1978:26)

Tal reflexão, ao estimular a moderna orientação de se libertar das amarras de uma leitura de mundo, em que o homem fosse regido pelas forças naturais, impulsionou a introdução da relativização na análise processual, criando uma outra fisionomia para o entendimento geográfico da realidade, como nos mostra Carvalho (1925:67)

"Mas o princípio geral existe: o mestre deve procurar demonstrar ao aluno, no ensino da Geographia, de que modo o meio age sobre o homem e de que modo o homem reage ou se adapta. Os factos devem ser invocados em si, primeiro, systematizados para a comprehensão e generalização do phenomeno que representam e, em seguida, em relação ao mundo organico, ao homem que é a medida de tudo, como diziam os gregos".

No trecho acima fica evidente a tentativa de organização dos delineamentos teóricos do Possibilismo. A reflexão deveria tomar como ponto de partida a perspectiva da interação entre homem/meio, onde o homem é compreendido como um agente contingencial no processo.

A questão que fica aberta é exatamente o fato de como operacionalizar essa articulação que vê o homem e o meio como partes que interagem, por que a questão fica estruturada em cima de uma imprecisão; a de que a contingencialidade poderia acontecer ou não acontecer, isto é, de um lado, dependendo do desenvolvimento de técnicas, é o grupo social que tem possibilidade de transformar o meio, de outro, são os aspectos naturais os determinantes das consecuições da sociedade, ficando para o processo de investigação a decisão da ocorrência ou não das possibilidades.¹⁹

¹⁹ "[...] é o que a Metafísica faz logo de início e no ponto de partida de suas considerações, propõe-se imediatamente a questão da procedência das "crianças" assim engendradas. Isto é., o famoso quebra cabeça da *causalidade*: qual delas é a causa, qual o efeito? O que tem resposta, e vai depender apenas das preferências ideológicas de cada um, tanto quanto podendo-se considerar a atividade ou experiência sensível que dela deriva anteriores ao pensamento e conhecimento, como vice-versa, estes últimos anteriores àquelas. Conclusão ficará apenas na dependência do ponto em que o observador intervir no processo do conhecimento; e como não há razão especial alguma que faça preferir um a outro, a não ser concepções apriorísticas, portanto extracientíficas, torna-se impossível chegar a um acordo. Prado (1955:52) t.1

Ao nosso ver não fica claro como efetivamente se dá a tão alardeada interação entre o homem e o meio. O que resulta efetivamente é um embaraço que pode ser visualizado em operacionalizações de Delgado de Carvalho:

(...)De todos os mestiços brasileiros os mais interessantes são talvez os caboclos(...)devido não somente às diferenças de dosagem que houve na mestiçagem como também e principalmente à influência dos meios geográficos em que se operam os fenômenos étnicos(...)

O gaúcho (riograndense e joaquinese) é o homem das planícies extensas onde correm os cavallos leguas e leguas sem obstáculos. A natureza é pródiga: bom clima, culturas prósperas. O gaúcho veste o ponche, a bombacha armado de rebenque bebe chimarrão e come churrasco. A vida é larga e farta o homem é cavalheiresco e espetaculoso porque o seu meio se presta.

Na citação acima não é muito difícil averiguar que, na prática, os resultados obtidos destacam de forma contraditória a supremacia dos aspectos naturais como fatores determinantes na moldagem dos tipos humanos. Construção epistemológica que permite uma argumentação que não vê rupturas entre o determinismo e o possibilismo, mas sim uma proximidade muito grande.

Na concepção de mundo de Delgado de Carvalho, assim como de quase todos que professaram os delineamentos do determinismo/possibilismo não ocorre a racionalização que vê os fenômenos dentro de relações que precisam ser equacionadas para serem desvendadas. O que sucede é exatamente a perspectiva metafísica da realidade²⁰.

Por motivos desse quilate, envolvendo as questões relativas às fundamentações epistêmicas do discurso, a construção conceitual de Delgado de Carvalho e de outros que se postaram nas fileiras do positivismo-funcionalista encontraram limitações nem sempre identificadas. Como essa que estamos sinalizando, de ser o Possibilismo "uma determinação, doutrinariamente não determinista, porém totalmente determinista em seus resultados" (Escolar 1996:69). Em suma, vertentes epistemológicas de mesma raiz.

Essas questões relacionadas aos alcances e limitações das fundamentações teórico-metodológicas de Delgado de Carvalho foram de incontestável importância porque além de subsidiar, no país, um conjunto de reflexões originais do

²⁰ Chamamos de "metafísica", por definição, aquele pensamento que separa o que é ligado. Chamaremos de idealistas por definição, as doutrinas que elevam ao absoluto uma parte do saber adquirido, fazendo de tal parte uma idéia ou um pensamento misteriosos que, segundo eles, existem antes da natureza e do homem real. Essas definições, em seguida, voltaram a aparecer sob novos aspectos. Mostraremos que elas são adequadas ao uso habitual dessas palavras e, ainda, que são fecundas, permitindo esclarecer numerosas questões filosóficas e suprimindo problemas "falsos" ou mal colocados. Disso resulta que todo idealismo é metafísica. (A recíproca não é verdadeira: muitas metafísicas são idealistas, mas existem outras doutrinas metafísicas não idealistas, ou seja, certos tipos de materialismo) Pode-se agora perguntar: "Como é que uma tal doutrina, separa do real e do saber real uma parcela com fim de hipertrofiá-la, chegando mesmo a nada mais ver além dessa parcela e a levá-la ao absoluto, como é possível uma doutrina, que divide e estanca a atividade do conhecimento humano?" (Levebre, 1987:53-54)

pensamento geográfico, difundiram procedimentos que marcaram as gerações futuras, dando margem, de forma mais consistente, a ampliação do campo de atuação da Geografia. Como é o caso da utilização do saber geográfico na afirmação da identidade nacional. A diferença, nesse momento – início do século XX, no Brasil - está relacionada à presença de uma parametrização sistematizada na razão científica do positivismo-funcionalista.

Nas preocupações epistemológicas de Delgado de Carvalho encontramos de forma imbricada o forte conteúdo nacionalista de sua visão de mundo. Em seus trabalhos elaborados dentro do período conhecido como “República Velha”, identificamos a presença de uma tônica muito forte: a racionalização e as preocupações operacionais, estabelecendo à ciência geográfica o papel de ser o veículo de consolidação de um pensamento patriótico.²¹

O autor concebia a Geografia, por excelência, como um discurso de consolidação do sentimento de identidade nacional mediada pela perspectiva de nova organização lógica dos assuntos abordados, isto é, o pensamento geográfico deveria cumprir o papel de arbitramento, via seus princípios lógicos, do processo que resultaria no “*verdadeiro patriotismo esclarecido*”.

Tal pensamento revela uma sintonia muito grande com os debates que ocorriam nas esferas intelectuais da sociedade brasileira, no período pós 1ª Guerra Mundial, momento em que uma boa parcela da intelectualidade foi literalmente sacudida por questões de fundo que retomavam “a necessidade de se pensar o Brasil do ponto de vista brasileiro”. (Oliveira 1991:126)

No interior desse contexto é que relacionamos as preocupações de Delgado de Carvalho às demandas existentes entre os homens, que se posicionavam com alternativas, visando colaborar na reestruturação do projeto político de condução do país ao progresso. Fato confirmado quando entendemos o motivo da própria elaboração do texto “Metodologia do ensino de Geografia”: solicitação de uma agremiação estadual de forte cunho nacionalista, como era a Liga Pedagógica do Ensino Secundário.²² Documento em que as colocações ajustavam-se ao espírito da época, versando sobre a necessidade de restabelecermos um sistema de educação mais calcado no ensino de Geografia e História por que são disciplinas de nacionalização.

Essas aproximações sistemáticas da Geografia ganharam maior envergadu-

²¹ Carvalho, D. (1925:26) (1926:80)

²² “Em fins de 1921, fui incumbido pela Liga Pedagógica do Ensino Secundário da preparação da presente these, que, em 1922, foi apresentada pela “Liga ao Congresso do Ensino.” (1925:03) Esta indicação é importante porque a contextualização do significado da existência de Congressos relacionados ao ensino no período em questão demonstram uma série de movimentos articulados por setores da burguesia que estavam insatisfeitos com a situação do setor dos assuntos educacionais. Gestavam de forma embrionária as linhas, que depois foram aprofundadas, já a partir dos anos 30, da Escola Nova, que modificou na forma e no conteúdo a concepção do ensino .

ra por dois motivos. Primeiro, pela argumentação no campo ideológico, encaminhando uma leitura geográfica que educasse o indivíduo na direção de um sentimento positivo diante da magnitude do país. Segundo motivo, pela difusão de uma proposta na qual a concatenação lógica dos temas da Geografia se aproximassem da idéia de exaltação à pátria. Processo que se articularia através do enaltecimentos dos aspectos da natureza e perspectivas de um futuro sempre com sentido favorável, predestinável. Resultado de esforços comuns dos brasileiros.

Tal forma de interligar o mundo, salta ao olhos quando retomamos a análise da fundamentações teórico-metodológicas das leituras geográficas ensejadas por Delgado de Carvalho. Em consonância com as linhas do positivismo-funcionalista, o eminente professor imprimiu no discurso geográfico brasileiro procedimentos clássicos do período. Nesses o investigador faz a apologia de não se ver dentro do fenômeno em análise, em uma leitura pretensamente neutra e objetiva, que pode ser alcançada pela evidencia empírica da descrição, a qual, por sua vez, permite a objetividade do cientista, na medida que a observação "in loco" garante a isenção dos resultados que são obtidos (leitura fidedigna aos postulados de Durkheim). Problemas colocados para tais posturas já evidenciamos acima, quando nos referimos à profunda interligação entre o discurso de Delgado e as necessidades do processo de consolidação do Estado brasileiro.

As preocupações de ordem metodológicas ficam patentes no cerne da proposta de regionalização do Brasil que veio a tona nos textos de Delgado de Carvalho. Tanto no seu livro de cunho didático lançado em 1923, "Geographia do Brasil", como no seu livro mais reflexivo "Metodologia do Ensino de Geografia". Neles é possível visualizarmos a existência de exemplos fidedignos de formulações que estavam embasadas nos moldes de origem francesa.

Nos interessa sinalizar que essas ordenações de cunho teórico-metodológico além de apresentar alcances que foram importantes para a consolidação do discurso geográfico, também podem ser vistas por outro ângulo, o das limitações da proposta, isto é, a profundidade dos resultados. O poder explicativo dos fenômenos.

Nesse sentido, em busca dos alcances e limitações do método de Delgado de Carvalho no plano da Geografia, a adoção das regiões naturais como critério fundamental para a elaboração das leituras geográficas sistematizadas do território brasileiro, referendam a difusão de uma concepção de fraco poder explicativo da realidade.

O discurso regional geográfico do Brasil, sistematizado pelo eminente professor, além de rechaçar a perspectiva da Geografia entendida como a de pura memória, estabeleceu uma inovadora visão: o território brasileiro seria visto por partes, as regiões naturais, e estas oportunizariam a síntese a partir dos levantamentos monográficos de cada uma das delimitações efetivadas. Os resultados dessa operação serviriam de pano de fundo para a compreensão da ação humana.

A questão básica que queremos ressaltar é o fato da leitura geográfica de mundo ser vista a partir e exclusivamente da aparência dos fenômenos. A descrição exaustiva de cada região seria (foi) (é) feita nos moldes da perspectiva positivista-funcionalista que entre outras coisas, descarta metodologicamente as reflexões sobre os fatores que vieram a dar condições de formação do fato observado. Em suma região natural não é natural.

Soma-se a isso os pressupostos teóricos-metodológicos que partem da premissa de que a interação a ser analisada ocorre sob o espectro da harmonia do processo. Situação que permite um equacionamento dos problemas centrais dos fundamentos epistêmicos adotados: a não consideração "das tensões que existem nos agrupamentos humanos". Em outras palavras, o não reconhecimento das contradições de classe que existem no interior da sociedade.

Esses resultados avaliados dentro da lógica das semelhanças, podem ser comparados com os obtidos por La Blache quando articulou nas bases do discurso geográfico na França. Lá, o mestre francês, ao estruturar a unidade do discurso geográfico, o fez em cima da vertente possibilista, expressada em termos operacionais pela introdução da noção de região natural no âmbito da Geografia. Essa fundamentação lógica dos princípios geográficos foram estabelecidos no interior de um contexto no qual, as questões de ordem político-social e educacionais se faziam presente com grande intensidade, convergindo para o interesse maior de fortalecer as reformas que se perpetravam no interior do Estado francês, com os desdobramentos da 3ª República iniciada por volta de 1870.

Essa conjuntura indicava a necessidade de ações por parte do Estado francês no sentido do estabelecimento de uma nova concepção territorial da nação, visando a delicada tarefa de desenvolver uma justificativa que legitimasse o expansionismo francês que estava sendo gestado e, principalmente, o revigoramento do sentimento de identidade nacional que se apresentava com baixo nível de credibilidade após os conflitos com a Prússia em 1870. O caminho entendido como o mais propício para a transmissão social desse conjunto de idéias foi o da esfera dos assuntos educacionais, que recebeu a incumbência de intensificar o ensino de Geografia nas séries iniciais do sistema de ensino francês.

O que queremos ressaltar desse comentário sobre alguns desdobramentos da Geografia francesa, é que eles tiveram muitas similaridades com os processos que envolveram Delgado de Carvalho no seu intuito de orientar de forma moderna a Geografia brasileira.

²³ Basta ver o tom liberal de sua obra, fala do homem mas nunca o identifica em termos de classe social, homogeniza o processo a ponto de ver a sociedade como uma instância que busca os mesmos resultados... ou se quisermos ainda denotar o problema político dos discursos científicos que tiveram aceitação legitimadora caberia ainda um comentário sobre o significado do banimento de propostas como as de E. Reclus que nunca tiveram espaço institucional na França.

De forma geral podemos assinalar que o enfoque geográfico construído por Vidal de La Blache caracterizou-se por ser um discurso despolitizado²³, sendo demarcadamente apropriado pelos interesses do Estado francês. No caso dos cursos de Delgado de Carvalho, também por questões metodológicas e ideológicas suas formulações se apresentaram como impulsionadoras da moderna orientação da Geografia no país. Reforçavam a necessidade do ensino ser o campo de consolidação da sua cientificidade e, ao mesmo tempo, o leito de viabilização do sentimento de nacionalidade que, no período em questão, ocupa um lugar central nas discussões sobre os projetos de modificações da realidade do país.

No fundo, as ponderações de Delgado de Carvalho e outros que o acompanharam na empreitada de dar uma orientação moderna à Geografia brasileira, representavam setores conectados com os princípios de mudanças que começava a caracterizar o espírito de classes sociais que visualizavam o novo a partir de reformulações da ordem política que estava centrada nas mãos das oligarquias agrárias.

Como homem de seu tempo, apresentou uma leitura da Geografia do Brasil com o viés típico das classes sociais que lhe eram mais próximas. Sem entrar no terreno das rupturas, costurou de forma enfática²⁴ uma leitura de mundo na qual existe uma perspectiva de outro olhar para o fenômeno, mas que, metodologicamente, está impossibilitada de constatar, além das aparências, a essência.

Processo legitimado socialmente resultou em leituras sistematizadoras do espaço geográfico brasileiro sem qualquer referência ao significado da clivagem de classes sociais possíveis de serem constatadas pelo processo de novas configurações paisagísticas que começavam a se avolumar no território brasileiro. As análises das questões sociais se mantiveram naturalizadas e, principalmente, sendo vistas no plano sensorial, no nível das aparências, tendentes a harmonização.

3. O ponto de chegada (sempre provisório)

Nesta parte final da tentativa de se evidenciar os alcances e limitações da obra de Delgado de Carvalho na formação do pensamento geográfico brasileiro cabe esclarecer que não existe a tentativa de avaliar as leituras do referido autor com os olhos de hoje. O que nos preocupa é a possibilidade de ajustarmos

²⁴ Resultando daí um credo de exclusividade no tipo de procedimento científico. O que explica, em parte, a sua determinação em prol das mudanças epistemológicas numa só direção: "Quem recusa eloquência a estes contrastes eminentemente geográficos e prefere uma boa enumeração de rios e de serras problemáticas inteligentemente agrupados por circunscrições administrativas ou não < toma > geographia ou está de má fé. Em ambos os casos seria preferível para o bem da instrução pública abandonar a partida." Carvalho, op.cit. p.92

o olhar no sentido de compreender as colocações dentro dos embates do momento em queelas foram gestadas e refletirmos nas questões que hoje estão postas, à luz das respostas formuladas pelos geógrafos.

No caso da perspectiva em questão é significativo demonstrar que a questão metodológica criou um entendimento da realidade bastante superficial e, estruturalmente, de poder explicativo reduzido. Resultando num discurso que ideologicamente foi apropriado por setores específicos da sociedade. O que não tira a responsabilidade do seu proponente.

Situação que no mínimo nos faz reforçar a importância da questões epistemológicas nas construção das bases de orientação da Geografia em tempos atuais (tanto no plano acadêmico como o do ensino) . Reflexão vital na construção das leituras geográficas do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNAL, J.D. *Ciência na História* volume 3. Lisboa. Horizontes. 1976.
- CAPEL, Horacio. *Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea*, Barcelona, Barcanova. 1981
- CARVALHO, D.C. *Geographia do Brasil* v. II São Paulo. L. Francisco Alves. 1927. 1ª edição.
- Geographia do Brasil* ed. completa. SP. Francisco Alves. 1931 6ª edição "Metodologia do Ensino de Geografia" RJ. Francisco Alves. 1925
- CHACON, Vamíreh. *História das Idéias Sociológicas no Brasil*. S.P. Grijalbo. 1977
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. (organizador) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo. Difel. 1982
- DICIONÁRIO de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/MEC. 1987
- DURKHEIM, E. "As Regras do Método Sociológico" In: Coleção "Os Pensadores" São Paulo. Abril. 1978.
- ESCOLAR, M. "Crítica do Discurso Geográfico". SP. Hucitext. 1996.
- FERRAZ, C.B.O. "O Discurso Geográfico: A Obra de Delgado de Carvalho no Contexto da Geografia Brasileira - 1913. a 1942- dissertação de mestrado USP. 1995
- FEBVRE, L. "A Terra e a Evolução Humana" In Panorama da Geografia. v 2. Edições Cosmo. 1954
- KUPER, A. *Antropólogos e a Antropologia*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1973
- LEFEBVRE, H. *Lógica Formal / Lógica Dialética*. Rio de Janeiro. Civ. Brasileira. 1987. 3 edição
- LENIN, V.I. *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. In Obra Escolhidas, tomo 2. Lisboa. Avante. 1984.

- MENDONZA, Josefa e alii. *El Pensamento Geográfico*. Madrid. Alianza. 1982
- MOREIRA, R. (org.) *Geografia: Teoria e Crítica*. (o saber posto em questão). RJ. Vozes. 1982
- O Movimento Operário e a Questão Cidade-Campo no Brasil*. (Estudo sobre Sociedade e Espaço) RJ. Vozes. 1985.
- O Discurso do Averso* (para a crítica da Geografia que se ensina). RJ. Dois Pontos. 1987.
- Geografia e Marxismo*. xerox. 1989.
- Assim se Passaram Dez Anos* (A Renovação da Geografia no Brasil 1978/1988) xerox
- PRADO, Caio. *Dialética do Conhecimento*. tomo 1. S. Paulo. Brasiliense. 1955
- OLIVEIRA, Lúcia L. *A Questão Nacional na Primeira República*. S. Paulo. Brasiliense. 1991
- SANTOS, Milton. *Por Uma Geografia Nova*. S.P.. Hucitec. 1978